FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 26/04/2022 - 05:59

Bilionário Elon Musk compra por US$ 44 bi o Twitter

Musk compra o Twitter por US$ 44 bi para controlar 'praça pública do mundo'

Conselho da empresa decide aceitar oferta do bilionário após tentativas de barrar a aquisição

Thiago Bethônico

SÃO PAULO O Twitter aceitou, nesta segunda (25), a oferta de US$ 44 bilhões (R$ 214 bilhões) feita pelo bilionário Elon Musk para comprar a rede social. A decisão ocorre após o conselho de administração da empresa aprovar a oferta feita aos acionistas.

A aquisição —uma das maiores da história corporativa— pode tornar Musk um barão das redes sociais, com poder de controlar o que ele mesmo definiu como a "praça pública de fato do mundo".

Fundado em 2006 com a proposta de ser uma rede de compartilhamento de status entre indivíduos em textos de no máximo 140 caracteres (posteriormente ampliados para 280), o Twitter transformou-se um um espaço relevante de debate, com a presença de formadores de opinião, políticos e celebridades.

O bilionário já declarou que pretende introduzir novas ferramentas, abrir o código dos algoritmos, combater os bots e autenticar "todos os humanos". Ele também pretende fechar o capital da empresa.

A transação, que foi aprovada por unanimidade pelo conselho, deve ser concluída em 2022 e está sujeita à aprovação dos acionistas do Twitter e de órgãos regulatórios, entre outras condições habituais a esse tipo de negociação. No entanto, analistas não esperam obstáculos regulatórios.

Durante o extenso vaivém que marcou as negociações, o dono da Tesla e da SpaceX demonstrou pouco interesse econômico na compra. Para ele, a aquisição era uma forma de reverter as políticas de moderação do Twitter —das quais é um crítico contumaz.

O avanço de Musk foi inesperado, tanto por Wall Street quanto pelo Vale do Silício. Ao longo de três semanas, o dono da Tesla tornou-se um dos maiores acionistas do Twitter, recebeu um convite para o conselho da empresa e o rejeitou. Em seguida, fez uma oferta para comprar a rede e fechar seu capital.

O bilionário, que se descreve como um absolutista da liberdade de expressão, argumentou que tornar a rede social uma empresa de capital fechado seria uma forma de garantir a livre circulação de ideias.

O bilionário Elon Musk, dono da Tesla e da SpaceX, que acertou a compra do Twitter por US$ 44 bilhões Brendan Smialowski - 4.mar.20/AFP

"Espero que até os meus priores críticos continuem no Twitter, porque isso é o que liberdade de expressão significa", afirmou Musk em tuíte nesta segunda. Ter uma plataforma pública que seja extremamente confiável e amplamente inclusiva é extremamente importante para o futuro da civilização", disse em entrevista no TED, no dia 15.

As ações do Twitter encerraram o dia em alta de 5,66%, ao valor de US$ 51,69, após a divulgação do negócio.

De acordo com os termos do acordo, os acionistas do Twitter receberão US$ 54,20 por ação ordinária do Twitter que possuírem no fechamento da transação.

O preço de compra representa um prêmio de 38% em relação ao preço de fechamento das ações em 1º de abril de 2022, que foi o último dia de negociação antes de Musk divulgar sua participação de aproximadamente 9%. Mesmo assim, a oferta está abaixo da faixa de US$ 70 em que o Twitter estava sendo negociado no ano passado.

Os detalhes específicos sobre a compra ainda não foram anunciados, mas, conforme divulgado na semana passada, Musk conseguiu montar um pacote de financiamento.

Segundo documento apresentado à SEC (Comissão de Valores Mobiliários dos EUA), o bilionário alinhou US$ 25,5 bilhões por meio de empréstimos com um grupo de bancos liderado pelo Morgan Stanley. O restante ele disse que forneceria pessoalmente, mas sem detalhar a origem.

Pessoas familiarizadas com o negócio afirmam que Musk teria se comprometido a pagar uma multa caso o negócio fracasse por motivos não relacionados a problemas de financiamento.

> "Espero que até os meus priores críticos continuem no Twitter, porque isso é o que liberdade de expressão significa
>
> **Elon Musk**
> em tuíte, após o Twitter anunciar que aceitou a oferta de compra do bilionário

Em comunicado, Bret Taylor, presidente do Twitter, disse que o conselho conduziu um processo cuidadoso e abrangente para avaliar a proposta de Musk. "A transação proposta proporcionará um prêmio substancial em dinheiro e acreditamos que é o melhor caminho a seguir para os acionistas do Twitter", disse.

A empresa também afirmou que o bilionário se comprometeu com investimento de US$ 21 bilhões no negócio. Não ficou claro quem administrará o Twitter após a conclusão da transação.

"Acho que, se a empresa tivesse tempo suficiente para se transformar, teria feito muito mais do que Musk está oferecendo agora", disse Jonathan Boyar, diretor administrativo do Boyar Value Group, que detém participação no Twitter.

No entanto, acrescentou, "essa transação reforça nossa crença de que, se os mercados não valorizam adequadamente uma empresa, um terceiro eventualmente o fará".

Por outro lado, grandes acionistas teriam procurado diretores do Twitter para pressioná-los em favor do acordo, segundo o jornal Financial Times. A expectativa era que as ações da plataforma dificilmente subiriam muito acima do que o oferecido por Musk a curto prazo.

Caso o acordo se concretize, será uma das maiores aquisições entre as principais já feitas no setor de tecnologia, ficando atrás apenas da compra da Activision Blizzard pela Microsoft (US$ 75 bilhões, em janeiro deste ano) e da EMC pela Dell (US$ 67 bilhões, em 2015), e muito à frente da compra do WhatsApp pelo Facebook (US$ 22 bilhões, em 2014).

Para funcionários do Twitter, o negócio deve resultar em mais um período de turbulência. Recentemente, o cofundador e então CEO da empresa, Jack Dorsey, foi substituído por Parag Agrawal.

Musk já falou, por exemplo, sobre fechar a sede da empresa, em San Francisco, e em zerar o salário de membros do conselho.

Em declarações públicas, o dono da Tesla insistiu que não lucraria com a aquisição da plataforma. Conforme disse repetidas vezes, o objetivo é garantir que a rede acompanhe sua percepção sobre liberdade de expressão.

Musk defende que, em caso de dúvida, o ideal é favorecer a liberdade em vez da moderação. "Se houver uma área cinzenta, em minha opinião é melhor deixar que o tuíte exista", disse em evento do TED.

Além disso, Musk é a favor de suspensões temporárias em vez de exclusões definitivas, o que poderia abrir o caminho para o retorno de personalidades banidas da rede, como o ex-presidente americano Donald Trump.

O republicano, porém, já afirmou que não pretende reativar seu perfil na rede.

A história por trás da aquisição começou no dia 14 de março, quando o bilionário comprou ações da empresa, mas não divulgou a transação.

Nove dias depois, Musk fez uma enquete em seu perfil questionando se a rede seguia rigorosamente os princípios da liberdade de expressão. Mais de 70% dos entrevistados disseram que não. Na época, ele disse que a pesquisa teria consequências importantes.

Foi só no dia 4 de abril que Musk revelou ter comprado uma participação de 9,2%, se tornando o maior acionista da rede social.

No dia seguinte ao anúncio da participação do empresário na empresa, o Twitter disse que pretendia nomeá-lo para o conselho de administração. A nomeação, contudo, não era exatamente um convite.

A oferta bloqueaaria a investida de Musk, já que com uma cadeira no conselho ele não pode deter mais de 14,9% das ações do Twitter.

No entanto, no dia 11, Musk recusou o convite para integrar o conselho e, na mesma semana, anunciou sua proposta para comprar o Twitter.

Segundo ele, a rede social precisava se tornar uma empresa de capital fechado para ter mudanças efetivas e virar "a plataforma da liberdade de expressão em todo o mundo".

Após Musk recusar participar do conselho e tornar pública sua oferta de compra, o Twitter colocou em prática uma manobra corporativa conhecida como "poison pill" (pílula venenosa).

A estratégia consiste em inundar o mercado com novas ações ou deixar que acionistas as comprem com desconto. A tática serve para desencorajar e evitar que o controle acionário seja transferido para um grande investidor ou corporação de forma hostil.

Para Musk continuar sua empreitada, seria preciso convencer os investidores do Twitter a venderem suas ações diretamente para ele.

A manobra foi a última tentativa para conter o bilionário —o que não deu certo. Após apresentar seu plano de financiamento para financiar a oferta, Musk conseguiu pressionar o conselho da empresa para negociar com ele.

Leia mais nas págs. A15 e A16

Nas mãos de bilionário, rede social deve mudar seu modelo de negócios

ANÁLISE

Nelson de Sá

SÃO PAULO Embora seja listado ao lado de Facebook, Instagram e YouTube entre as redes sociais americanas, o Twitter não tem a posição hegemônica das demais.

É a mais próxima do jornalismo político e econômico, inclusive pela presença de repórteres e fontes na plataforma, e a aquisição por Elon Musk reflete a encruzilhada que a mídia encara hoje nos EUA.

O empresário quer a plataforma, sua preferida, na qual ele é protagonista, incorporando uma liberdade de expressão "absoluta". Sem cancelamentos, que se tornaram norma na virada para o governo Joe Biden.

A eleição de 2020 foi aquela em que a imprensa, majoritariamente pró-democrata, acabou se associando às plataformas para restabelecer o poder dos porteiros ou guardiões da informação, "gatekeepers".

A entrada de Musk em mídia social é questionada como um resgate da voz antidemocrática, trumpista, mas ele não está só com os republicanos na reação aos cancelamentos e às restrições de compartilhamento.

Há um mês, o New York Times afirmou no editorial "América tem um problema de liberdade de expressão" que "muitos progressistas se tornaram intolerantes com aqueles que expressam outras opiniões".

Criticando a cultura do cancelamento, o jornal anunciou um projeto de cobertura de longo prazo para identificar e combater as ameaças à liberdade de expressão, sobretudo em mídia social.

Ao mesmo tempo, reconheceu afinal que os emails de Hunter Biden, filho de Joe, noticiados às vésperas da eleição de 2020 e "cancelados" tanto pelo NYT quanto pelo Twitter, eram verdadeiros.

No episódio, o Twitter foi mais fundo que todos, não apenas suprimindo as mensagens sobre o assunto mas derrubando a conta do New York Post, jornal de 220 anos que havia noticiado os emails corretamente.

É essa a plataforma que Elon Musk quer tirar do buraco, não só jornalístico mas empresarial. Mais que dinheiro, ele oferece a os atuais controladores a busca de um modelo de negócios que, enfim, funcione.

O Twitter nunca chegou a Facebook, Instagram ou YouTube, em parte, por não viabilizar uma receita publicitária mínima. Musk não detalhou o que pretende, mas sinalizou que é uma das frentes em que vai agir.

Talvez então a plataforma se torne, de fato, uma preocupação para os governos que vêm, da Europa à China, buscando conter o poder dos gigantes de tecnologia. Por enquanto, o Twitter está na liga amadora.

Os 10 principais negócios no setor de tecnologia

	Em US$ bilhões*	Quando
1º Microsoft compra Activision Blizzard	75	jan.2022
2º Dell compra EMC	67	out.2015
3º Elon Musk compra Twitter	44	abr.2022
4º JDS Uniphase compra SDL	37	jul.2000
5º IBM compra Red Hat	34	out.2018
6º Salesforce compra Slack Technologies	27,7	dez.2020
7º Microsoft compra LinkedIn	26	jun.2016
8º Meta (ex-Facebook) compra WhatsApp	22	out.2014
9º Intel compra Mobileye	15,3	mar.2017
10º Google compra YouTube	1,65	out.2006

*Valores nominais

Ações do Twitter

Variação em 12 meses, conforme valor de compra, em US$

Fonte: Bloomberg

> [...]
> O Twitter nunca chegou a Facebook, Instagram ou YouTube, em parte, por não viabilizar uma receita publicitária mínima. Musk sinalizou que é uma das frentes em que vai agir

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado **Caderno:** A **Pagina:** 14

Copyright © Clipclap 2025.